

Sobre a educação freinetiana e as influências do pensamento de Immanuel Kant e Karl Marx

Bruna Donato Reche
Gustavo José Tavares dos Santos¹

Resumo

Este ensaio busca elementos no pensamento e método educacional de Célestin Freinet em Immanuel Kant, perpassando Karl Marx como mediador. Para isso, delimitou-se a investigar os conceitos de Homem e Educação em Kant e em Marx fundamentos para tal discussão. A hipótese maior é que, no próprio pensamento marxista sobre homem e sociedade, há parâmetros decorrentes do pensamento de Kant, convergentes ou divergentes, mas importantes para o desenvolvimento da tese sobre a sociedade capitalista. O ensaio está dividido em quatro partes: primeiras aproximações referentes a Immanuel Kant e Karl Marx; O homem em Kant e Marx; a educação em Kant e Marx e o pensamento educacional de Célestin Freinet. De modo geral, encontra-se nuances kantianas na prática pedagógica de Freinet, justamente pela tese marxista ser fundante do pensamento freinetiano.

Palavras-chave: Célestin Freinet. Immanuel Kant. Karl Marx. Pensamento educacional. Método Educacional.

Abstract

This paper looks for elements about Célestin Freinet's educational method in Immanuel Kant's thought passing through Karl Marx as a mediator. For this, it delimited to investigate the concepts of Man and Education of Kant and also Marx's grounds for such discussion. The fundamental hypothesis points out that marxist thought about the concepts of Man and Society arise from Kant's thinking, convergent or maybe divergent, but even so, important for the development of the thesis on capitalist society. This paper is divided into four parts: first approximations concerning Immanuel Kant's and Karl Marx's thoughts; the concept of Man in Kant and Marx; the concept of Education in Kant and Marx, and the educational method of Célestin Freinet. In short Kant's ideas are found in Freinet's pedagogical practice, precisely because the Marxist thesis is the founder of Freine's thought.

Keywords: Célestin Freinet. Immanuel Kant. Karl Marx. Educacional thought. Educacional method

Introdução

Célestin Freinet foi um educador francês que, ao se opor à escola tradicional francesa, construiu um método de ensino baseado na descoberta, na cooperação, no trabalho manual, na comunicação e no uso das tecnologias como meios de

¹ Bruna Donato Rech, doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina. É docente efetiva dos cursos de licenciatura do Instituto Federal Catarinense, campus Rio do Sul.

Gustavo José Tavares dos Santos, bacharel em Direito pela Faculdade Pitágoras de Londrina, é licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional e cursa especialização em Direito Público pelo Damásio Educacional.

aprendizagens amplas. Durante sua juventude fora vinculado ao Partido Comunista Francês, cuja fundamentação teórica, especialmente de cunho marxista, o auxiliou a pensar uma escola pública, cooperativa e popular.

Este ensaio tem como principal objetivo discorrer sobre o pensamento e método educacional de Freinet, mas, antes, busca investigar sobre como esse pensamento, para além da influência de Karl Marx, pode ter relação também aos conceitos tratados por Immanuel Kant, antecessor de Marx. Delimitou-se, para isso, investigar os conceitos de Homem e Educação em Kant e em Marx, ainda que este não tenha discorrido sobre o assunto, apresenta em sua tese, fundamentos para tal discussão. E decorrente deles, encontrar vestígios na educação freinetiana.

A hipótese maior é que, no próprio pensamento marxista sobre homem e sociedade, há parâmetros decorrentes do pensamento de Kant, convergentes ou divergentes, mas importantes para o desenvolvimento da tese sobre a sociedade capitalista que, mais tarde, influenciariam o modo como Freinet conduziria seu método de ensino, sobretudo na época em que esse educador fazia parte do Partido Comunista Francês.

Nesse sentido, o ensaio está dividido em quatro partes: primeiras aproximações referentes a Immanuel Kant e Karl Marx; O homem em Kant e Marx; a educação em Kant e Marx e o pensamento educacional de Célestin Freinet.

Primeiras aproximações

Kant e Marx são contemporâneos e fazem parte do grupo dos Filósofos Alemães que contribuíram significativamente para se pensar as Ciências Sociais. Os dois afirmam uma concepção de homem que ora se perpassa, ora se distancia, mas que fornece subsídios para se pensar o conceito de homem enquanto sujeito ativo na sociedade por meio da educação.

O início do século XIX foi marcado pelo desenvolvimento e consolidação do modo de produção capitalista que impactou todas as formas de relações sociais e produtivas. Além disso, deu origem e fortalecimento a uma classe burguesa altamente exclusiva no que tange à apropriação dos recursos – meios de produção, sistema educacional e bens produzidos. Esse foi o palco que suscitou esses filósofos a pensarem o homem, a sociedade, o direito e a educação, no caso de Kant, nascido em 1724, acompanhando a Revolução Francesa e o homem e a sociedade capitalista, no caso de Marx, nascido em 1818, acompanhando a Revolução Industrial. Ambos prussianos.

O modo educacional gestado nesse século, maquiado pelos ideais de liberdade e igualdade oriundas das revoluções que marcaram época, evidenciou um fosso entre a educação burguesa e educação proletária que, tratadas por Marx e Engels, influenciaram o pensamento educacional de Freinet, nascido em 1896, no fim do século XIX, na França, onde percebia a contradição social e o choque entre os modelos capitalistas e socialistas que, mais tarde, culminariam nas duas grandes guerras mundiais.

O homem é um sujeito histórico permeado de cultura aprendida pela interação e comunicação com o meio e os demais sujeitos. Suas funções biológicas determinam seus movimentos e seu corpo, que são instrumentos para as demais funções, sociais e interacionais, que quanto mais diversificadas e amplas, afetarão seu desenvolvimento cognitivo e cultural e o auxiliarão a se compreender enquanto parte de uma natureza muito maior que si mesmo.

Esse pensamento desdobrou-se em estudos antropológicos, sociológicos, psicológicos e pedagógicos dos mais diversos e perpassam o tempo, ainda hoje auxiliando a compreender o significado de ser e agir no mundo. Em um primeiro momento, é possível justificá-lo aos escritos de Marx e Engels, mas é também semelhante em alguns aspectos ao que se encontra no pensamento de Kant, tais como homem e educação na contraposição das ideias desses pensadores.

O homem em Kant e Marx

Para Kant, o conceito de homem é dual. Por um lado, um ser biológico, por outro, um ser racional, supramundano. Isso significa para Kant que: “[...] O desejo de sair do estado de natureza é provocado pela tentativa de se identificar com um ideal de perfeição” (PINHEIROS, 2007 p. 20) e é ele que desempenha a sensação de infinito no corpo humano delimitado pelo tempo. Esse ideal de perfeição, em Kant, é o norteador da ação e não objeto, ou seja, é a busca pelo ideal que transforma o ser em homem e não seu fim, posto que, a cada geração, o processo de humanização se altera.

Essa dualidade é que impulsiona o homem para além dele. Ademais, seus desejos físicos determinam sua condição animal e as aspirações intelectuais o levam a desejar além do que a natureza pode ofertar: “[...]. Enquanto participante de uma comunicabilidade universal dos sentimentos, da cultura dos dons e do desenvolvimento das faculdades naturais, o homem recebe sua condição de humano, ou seja, de responsável no processo de negação do finito” (PINHEIROS, 2007 p. 21). O corpo em Kant é delimitado pelo espaço e tempo e sua razão é infinita.

Para Mark, em reflexão com Engels, “A essência do homem é o conjunto das relações sociais. A conformação corpórea natural é a condição necessária do ser homem. Não é condição suficiente. A humanização do ser biológico específico só se dá dentro da sociedade e pela sociedade.” (MARX, ENGELS, 1998 p. XXIV). E aqui, de alguma forma, os conceitos de Kant e Marx se confluem ao afirmarem que a existência de um corpo físico dotado de desejos é condição, mas não limite do homem, ou seja, é ele que possibilita o homem se tornar humano, diante de suas aspirações individuais e relações sociais.

Essa relação ficaria evidente no método educacional de Celéstin Freinet, anos mais tarde, traduzidas em atividades pedagógicas mistas de trabalhos manuais e interação social, com vistas a um desenvolvimento global. Fundamentado em Marx, Freinet acreditava que apenas o sujeito ciente de sua ação produziria representações e ideias.

Entretanto, o homem ideal em Kant é aquele que realiza tarefas e deveres baseados na moral e na ética oriunda de um Estado regrador (PINHEIROS, 2007). O homem em Marx, por outro lado, deve se libertar das leis e da moral do estado burguês que o limitam e o oprimem para viver plenamente a vida e a liberdade (MARX; ENGELS, 1998). Portanto, ainda que os conceitos de homem de Kant e Marx tenham nuances semelhantes, é a ação desse homem no mundo que diverge em fins opostos, ainda que os dois afirmem o papel singular dessa ação para a construção da humanidade.

Para Kant, a moral e a ética são orientadoras de um percurso que tira o homem da animalidade e do estado de natureza (PINHEIROS, 2007), dito de outra forma é o ideal de homem que o transforma. Para Marx, são as produções e apropriações dessas produções pelos homens que o tira do estado natural, ou seja, “[...]. Não é a consciência que determina a vida, senão a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 1998 p. XXV), utilizando das forças produtivas que dispõe para estabelecer suas relações.

Em suma, ainda que o conceito de homem em ambos os autores se conflua no sentido da potencialidade do ser diante de sua condição natural, por meio do uso da razão, divergem sobre a prática desse ser, diante da sociedade. Enquanto um permeia o plano imaterial das ideias e valores, o outro afirma a materialidade do sujeito. Esse último conceituou-se como um dos eixos do pensamento educacional de Freinet.

A Educação em Kant e Marx

A educação está no centro das preocupações filosóficas de Kant e se demonstra nas obras escritas sobre antropologia, ética, filosofia da história e filosofia política do pensador. Para ele, a educação é um processo biológico de progressivo desenvolvimento dos germes, ou disposições naturais, postos pela natureza nos indivíduos e na espécie humana:

Na natureza humana residem germes que se desenvolvem e que podem alcançar a perfeição a que estão destinados... Por conseguinte, temos razões para acreditar que, visto residirem na natureza humana os germes para uma maior perfeição, então também estes podem perfeitamente desenvolver-se e a humanidade terá de alcançar o grau de perfeição a que está destinada e para o qual possui os germes e transpor-se para o estado que é o melhor possível (SANTOS, 2016 p. 37).

Esse desenvolvimento ocorre, apenas, se estas disposições naturais forem ativadas pelo esforço de cada um por meio da educação. É latente a influência de Rousseau nessa concepção sobre disposições naturais do homem, ainda que Kant tenha rebatido a formulação sobre o bom homem selvagem.

Interessante que, anos mais tarde, Freinet também afirmaria a concepção de formar o homem em contato com natureza, inclusive no uso do termo “germes”, evidenciando, mais uma vez, a influência de Rousseau: “[...]. Desde que as condições exteriores sejam favoráveis à germinação, há uma força que desperta, cresce, agita o pão de trigo, que começa a escala para o esplendor do seu servir” (FREINET, 1998, p. 18).

Para Kant, a educação é um direito de todos e por isso, deveria desenvolver-se em espaço apropriado, onde cada um aprende-se como sujeito na relação com o outro, antes mesmo da Revolução Francesa cunhar o ideal de educação pública. O pensador afirmava que a escola deveria ser assunto público e político, como tarefa prioritária dos governantes que, por sua vez, deveriam ser ensinados por alguém que não seja da sua condição e devam estudar nas mesmas escolas dos seus concidadãos e junto com estes: “Só mediante o esforço de pessoas de inclinações alargadas, que são capazes de tomar parte no bem do mundo e da ideia de um estado futuro melhor, é possível a aproximação contínua da natureza humana ao seu fim” (SANTOS, 2016 p. 42).

Essa ideia de educação pública fora defendida, mais tarde, também por Freinet, mas mais voltada para as crianças pobres e para as classes populares, no intuito de uma formação integral.

No capítulo As Principais Teses de Kant sobre Educação, Santos traz de modo bem resumido o pensamento de Kant: “O ser humano é a única criatura que tem de ser

educada” e, nesse sentido, com base na razão, no esforço e na liberdade, ele pode desenvolver-se, como humano, nos vários aspectos sensíveis, intelectuais, estéticos, políticos e morais, por exemplo. Para ele, “O homem só pode tornar-se homem mediante a educação. Ele não é nada senão aquilo que a educação dele faz” (SANTOS, 2016 p. 43). Semelhante a isso, Marx afirma que o homem se torna tal por meio de suas relações sociais, em que aprende a cultura e desenvolve suas potencialidades. Essa ideia é latente na concepção de homem também em Freinet.

A segunda tese apresentada por Santos (2016), “A educação do indivíduo realiza-se no contexto da educação da espécie humana”, o autor explica que a natureza não deu ao homem a sua humanidade pronta, mas dotou-o de predisposições a desenvolvê-la. Nesse sentido, ele tem de tirar de si e, pelo seu próprio esforço, tudo o que corresponde à sua humanidade. A educação, portanto, é o meio efetivo par tal: “O passado das gerações anteriores, a história em sua totalidade, são experiências que definem a educação humana. A educação mantém seu rumo em direção ao futuro, isto é, ela não pode atingir sua totalidade na sociedade atual (PINHEIROS, 2007 p. 23)”.

Marx nunca tratou diretamente sobre educação ou métodos educativos, no entanto, seus escritos sobre sociedade e homem capitalistas permitem a mesma interpretação sobre o trabalho com e por meio da natureza – o homem tem de tirar de si próprio tudo àquilo que faz a sua humanidade.

Produzir a vida, tanto a sua própria vida pelo trabalho, quanto a dos outros pela procriação, nos aparece, portanto, a partir de agora, como uma dupla relação: por um lado como uma relação natural, por outro como uma relação social – social no sentido em que se estende com isso a ação conjugada de vários indivíduos, sejam quais forem suas condições, forma e objetivos (MARX; ENGELS, 1998 p. 23).

Decorrente dessa concepção, a base do pensamento freinetiano de educação tentava pôr em prática atividades cujo eixo fossem o trabalho técnico em cooperação com os demais. Para Freinet, a aprendizagem estava para além da escola e deveria formar o sujeito crítico mediante sua intervenção ao meio.

Na terceira tese demonstrada por Santos (2016), “O princípio do futuro e do progresso na educação e da solidariedade intergeracional” explica que cada geração educa a outra segundo a imagem que tem do Homem, mas nenhuma chega a realizar a imagem completa do Homem. Para Marx e Engels (2004), o desenvolvimento politécnico do sujeito ocorre pelo incentivo ao exercício intelectual e tecnológico por meio da razão e do uso de ferramentas para a construção dos bens a que se necessita e

corporal, por meio da ginástica. Assim, a classe operária poderia emancipar-se da classe burguesa.

Ambos compreendem o processo de humanização por meio da transmissão de valores e saberes sociais, uma vez que Kant defende um ser que, participante da comunicabilidade universal da cultura, se põe na condição humana e, no mesmo sentido, Marx afirma que os homens se constroem a partir dos meios de produção de sua época. Os conhecimentos científicos e tecnológicos, para ambos, devem ser ensinados intencionalmente, decorre então, a necessidade de espaços específicos para esse intuito.

A educação kantiana como mediação do “[...] sensível ao inteligível, o fenômeno ao número, a natureza à liberdade” (PINHEIROS, 2007 p. 31), busca formar o homem para a vida moral, livre e digna, retirando-o do estado de natureza e direcionando-o à liberdade: “[...] o homem necessita da consciência de sua capacidade de dar leis a si mesmo, pela autonomia e consciência da possibilidade de liberdade” (PINHEIROS, 2007 p. 40).

A educação kantiana está intrinsecamente ligada a uma concepção metafísica e ideal de homem e sociedade. Já Marx e Engels tratam da materialidade da vida do homem e sociedade: “[...] a produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens, ela é a linguagem da vida real” (MARX; ENGELS, 1998 p. 19). E, assim, também atribuem à produção intelectual humana: a linguagem da política, das leis, da moral, da religião e da metafísica.

Na quarta tese, “Uma educação num sentido cosmopolita”, Santos (2016) apresenta um pensamento que visa libertar a educação do imediato, dos interesses econômicos e políticos e abri-la aos horizontes do futuro, da humanidade, em plena generosidade.

A liberdade é um termo caro para Kant. Enquanto razão prática, cuja dimensão ética se perpetua em Marx e Engels, o autor afirma que ao buscar levar-se da condição animal, o homem tem a chance de ser livre: “[...] a liberdade proporciona ao homem capacidade de se libertar das condições sensíveis do mundo fenomênico. Pela obediência aos imperativos da liberdade, portanto morais, o homem se afasta em definitivo do animal” (PINHEIRO, 2007 p. 45). Da mesma maneira, Marx e Engels, acreditam que as disposições humanas devem ser desenvolvidas livremente, no sentido do desprendimento das condições materiais que lhe aprisionam: “[...]. A superação da

propriedade privada é a emancipação plena de todos os sentidos e qualidades humanas” (MARX; ENGELS, 2004 p. 42).

O trabalho é conceito central para o desenvolvimento humano em Marx e Engels, nesse sentido, os pensadores afirmam que um trabalho emancipador necessita que:

[...] 1º seu conteúdo social esteja assegurado, 2º revista-se de um caráter científico e apareça diretamente como tempo de trabalho geral, dito de outra forma, deixar de ser o esforço do homem, simples força natural em estado bruto que sofreu um adiestramento determinado para chegar a ser a atividade do sujeito que regula todas as forças da natureza no seio do processo de produção (MARX; ENGELS, 2004 p. 50).

O ideal de educação em Kant, atrelada à moralidade, diverge da finalidade social pensada por Marx, como emancipação do sujeito da classe burguesa. Entretanto, os dois autores mencionam a liberdade como um patamar vinculado ao processo de construção de saberes e conhecimentos sociais. Ambos tratam da humanidade enquanto produtor e construtor de cultura, por meio das relações sociais e ambos tratam da libertação do sujeito, para Kant da imoralidade e dos vícios e para Marx da opressão e da alienação, como o processo fundamental para a transformação do ser em sujeito ativo.

Ainda que Kant tenha como ideal o plano subjetivo e Marx o plano material, ambos apontam que quando não há estímulo ao desenvolvimento politécnico, no termo marxista, o homem permanece em estado animalesco e logo, não contribui para das potencialidades humanas. Nesse sentido, e cada um a sua maneira afirmam, o uso da razão como ferramenta de humanização do ser. Esse pressuposto é singular na educação freinetiana.

O pensamento educacional de Celéstin Freinet: fundamentos teóricos e discussões contemporâneas

Celestin Freinet, educador francês, pensou um modelo de educação que perpassou o século XX, tendo como base a descoberta do mundo por meio das experiências sensoriais, da afetividade, da criatividade, da cooperação, da comunicação e do compartilhamento das aprendizagens como princípios pedagógicos que muito tem a contribuir para as reflexões educacionais contemporâneas.

Sua juventude teve como palco grandes momentos da história como a Primeira Guerra e a revolução espanhola, além disso, era vinculado ao Partido Comunista Francês, aspectos tais que contribuíram para a construção de sua maneira de entender o

mundo e, mais tarde, seu modo de compreender a educação. Segundo Élise Freinet (1979 p. 120),

[...] Fora de seu domínio pedagógico, Freinet já tem uma ampla cultura humana e uma filosofia de orientação decorrente do materialismo dialético. [...] O pensamento marxista esclareceu para ele a revolta de 1917, vivida nas trincheiras e ligada à Revolução da URSS. [...] Era na prática um engajamento que justificava sua adesão ao Partido Comunista e sua militância na Internacional do Ensino. E era, para seu pensamento, entrar sem cessar no centro das contradições de qualquer sistema.

Sua história como educador inicia-se como professor assistente na aldeia Bar-sur-Loup, no sul da França, em 1920, cargo que ocupou por oito anos e que o suscitou a elaborar algumas considerações pedagógicas que mais tarde, amadurecidas, tornariam-se parte de seu método de ensino, particularmente no que tange a defesa de uma educação popular fundamentada no trabalho. Em 1928, cria a Cooperativa de Ensino Laico voltado para o povo.

A cooperação é um conceito privilegiado no pensamento freinetiano ao compreender que a aprendizagem permeia o individual, no sentido das experiências pessoais, e coletivo, nos debates e no entendimento das relações por meio destas experiências. Relatos de sua prática educativa (KANAMURU, 2014) afirmam que ele procurava ao máximo promover experiências de aprendizagens coletivas.

Ao ser questionado sobre seu método de aprendizagem, tido à época como inovador, Freinet demite-se do ensino público e retorna à Saint-Paul-de-Vence para construir, em tons verde e branco, sua escola, inaugurada em outubro de 1935 em regime de internato, voltada, sobretudo, para crianças espanholas refugiadas. Élise Freinet, sua esposa, relata que, nessa época, a maioria dos alunos era “[...] filhos de operários parisienses, casos encaminhados pela assistência social, filhos de professores que vieram para cá por problemas de saúde, e mais quatro ou cinco filhos de famílias com recursos que têm plena confiança em nós” (FREINET, 1968 apud LEGRAND, 2010 p. 14).

Tal como Kant, Freinet defendia a escola pública voltada para a classe popular, mas fundamentada no desenvolvimento integral do sujeito em sociedade. Acreditava que a escola tradicional francesa não relacionava as aprendizagens à vida comum, nesse sentido buscou criar uma escola que pudesse de modo cooperativo envolver a comunidade e desenvolver a autonomia dos alunos.

Essa ideia pode ser retomada pela ótica de Kant ao afirmar que a educação pública constitui-se como aprendizagem da cidadania: “[...] a boa educação depende da boa governação, mas os governantes só serão bons e esclarecidos governantes se forem educados por quem o possa fazer de forma esclarecida” (SANTOS, 2016 p. 39). Ademais, Kant afirmava a importância de uma escola tanto para aqueles que ela forma, quanto para a formação de professores bem instruídos para atuarem em boas escolas. A educação de um homem forma muitos outros homens, os quais, por sua vez, forma outros.

Tanto Kant quanto Freinet, faziam críticas à educação que podem ser trazidas para os dias atuais: pensa-se mais nas habilidades a serem desenvolvidas do que na cultura dos talentos e da formação cidadã e os princípios morais. Claro que estes preceitos foram desconstruídos ao longo do tempo e hoje conotam outros significados, mas a reflexão que se faz é a importância da escola formar também para a atuação social, para a conscientização e para a cultura.

Contrapondo o método tradicional francês de aprendizagem da escrita, por exemplo, composta pela apreensão dos sons para as letras e sílabas e destas para as palavras e frases, entendida como a “morte do espírito” por Freinet (LEGRAND, 2010 p. 18), esse educador acreditava que o ato de ler é uma busca por sentido e o texto é produto de uma vontade de se comunicar, inseparável da leitura e escrita de palavras significativas a quem escreve.

Segundo Freinet (1998 apud LEGRAND, 2010 p. 134):

A **experimentação**, [...] que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A **criação**, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, [...] a **documentação** – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada [...]. (grifos da autora).

A educação freinetiana tem como base o trabalho, entendido na acepção marxista, como o desenvolvimento livre das potencialidades do sujeito de acordo com sua vontade, relacionado à aprendizagem da leitura, escrita, ortografia e cálculo. Para tal, as atividades escolares permeavam a experiência, a técnica, a cooperação, a livre expressão, a pesquisa e a comunicação, por meio do trabalho manual para a fabricação de objetos úteis, a criação de animais e a horta escolar, por exemplo, tendo a comunicação oral e escrita como instrumento dessa investigação coletiva no intuito de

conduzir os alunos ao trabalho coletivo e criativo por meio de elementos e práticas culturais.

Marx e Engels no livro *Textos sobre educação e ensino*, afirmam o direito das crianças de uma instrução voltada para a vida e o desenvolvimento politécnico. Nele, postulam à educação intelectual, corporal e tecnológica de caráter científico, ferramentas de emancipação social, ao passo que constroem instrumentos que poderão ser vendidos em prol da escola. Para eles: “[...]. Esta combinação de trabalho produtivo pago com a educação intelectual, os exercícios corporais e a formação politécnica elevará a classe operária acima dos níveis das classes burguesas e aristocráticas” (2004, p.68).

Freinet levou à risca esse entendimento na construção da escola cooperativa, tendo como propositores de trabalho a aula passeio, a impressão gráfica, o jornal escolar, o diário coletivo ou livro da vida, o correio interescolar, os fichários escolares e os audiovisuais como documentários e o rádio gravador (KANAMURU, 2014). Hoje compreendidos como meios educativos tipicamente freinetianos.

Respondendo ao modelo escolástico da escola francesa, o método pedagógico freinetiano defendia a autonomia e a livre cooperação por meio de um “empirismo experimental a partir do trabalho de descoberta ou tateio experimental do educando” (FREINET, 1979 apud KANAMARU, 2014). Para ele, esse era um meio natural que, ao envolver as necessidades, interesses e motivações dos alunos, impulsionava-os a aprender.

Nos dias de hoje, com a rede de informações disponíveis pela internet, a educação escolar se ampara pela ciência de modo mais facilitado, no entanto, há um aspecto na experiência de Freinet considerável e atemporal que é o princípio da descoberta pelo aluno. Leva-lo a refletir ou elaborar uma hipótese diante de uma situação, possibilita-o, antes de se chegar a uma conclusão ou resposta, amparar-se de um rol de conhecimentos diversos em busca de sentido.

Esse exercício é fundamental para uma aprendizagem que faça sentido, que tenha relação com aquilo que o aluno já sabe. Ao torna-lo uma experiência coletiva, feita pelo debate, pelo auxílio entre os pares, aprende-se, também, a sociabilidade, o respeito e a empatia, qualidades tão importantes para o sujeito enquanto ser social. Após isso, permitir o uso de instrumentos técnicos e científicos que cada vez mais são usuais, como os meios de comunicação nos dispositivos móveis, como a internet, o *youtube* e as plataformas de aprendizagem, para se chegar a uma resposta a situação proposta,

permite que o aluno compreenda de modo mais efetivo quais elementos são importantes para se chegar a uma resolução satisfatória. Percorrer caminhos próprios, no uso do raciocínio e da crítica, são fundamentais quando se quer construir aprendizagens autônomas e emancipadoras.

À época, Freinet sabia que os alunos tinham mais interesse nos assuntos dos quais perpassam a vida cotidiana e pensava que a educação escolar deveria estar vinculada ao mundo da criança e a sua curiosidade sobre o meio. Acreditava que a experiência promove o verdadeiro conhecimento. Decorrente disso a justificativa pela aula passeio que é a observação do ambiente natural, no entorno da escola, quando “[...] os alunos podiam se expressar livremente, utilizar o tatear experimental para realizarem descobertas, colocar em prática o seu senso de cooperação e refletir sobre suas atividades individuais e coletiva” (CRUZ COSTA, 2006 p. 28).

Metodologicamente, a aula passeio consiste em observar-se o ambiente natural em conjunto com demais colegas. De volta à sala de aula, recolhem-se dessa observação os reflexos orais, criam-se textos, que serão corrigidos, enriquecidos e constituirão a base para a aprendizagem das habilidades básicas tradicionais necessárias ao aperfeiçoamento da comunicação (LEGRAND, 2010).

Além disso, Freinet valorizava a livre expressão infantil e a justificava por uma perspectiva política sobre a comunicação enquanto meio pedagógico, elegendo o texto livre como uma das primeiras formas de trabalho da criança (FONSECA; TOSTA 2017). Segundo Freinet (1976 p. 60):

Um texto livre é, como a sua designação indica, um texto que a criança escreve livremente, quando tem o desejo de fazê-lo, em conformidade com o tema que a inspira. Não é aconselhável, por conseguinte, a imposição de um assunto, nem se deve estabelecer um plano destinado ao que se tornaria então uma espécie de exercício de texto livre que, como é óbvio, constituiria apenas uma redação de tema livre.

Dessa atividade, originou-se o jornal escolar como meio de divulgação das pesquisas e relatos aprendidos durante a jornada escolar que de interno, passou a ser divulgado entre as famílias dos alunos, que muitas vezes careciam de meios de informações e a correspondência interescolar de textos criados e escolhidos pelos alunos, como forma de comunicação entre os alunos de diferentes escolas sobre assuntos diversos.

Mais uma vez a comunicação e o compartilhamento de informações demonstram-se presentes no pensamento pedagógico freinetiano em épocas que as

mídias eram restritas a um grupo social. Pensar essas atividades pedagógicas dessa natureza na contemporaneidade, considerando a era da comunicação (LEVY, 2007) do compartilhamento instantâneo de informações e das relações sociais digitais, pode tanto considerar a história da comunicação como um percurso de aprendizagem, no uso das cartas e correspondências para comunicação entre alunos de diferentes escolas em diferentes regiões o países ou, mesmo, utilizar dessas mídias digitais na intenção de aprender um conteúdo ou assunto escolar ao relaciona-lo com a vida cotidiana das crianças.

De qualquer maneira, o significado que essa prática evidencia é a possibilidade das crianças construir saberes orientados e intencionais por meio da troca de experiências com outras residentes em espaços diferentes dos seus, trazendo a tônica de que o compartilhamento de informações e a construção coletiva são muito mais enriquecedores do que um processo individualizado de aprendizagem. Nesse sentido, “[...]. Cabe ao educador exercer a intencionalidade pedagógica sobre os meios audiovisuais como o rádio, o cinema e a televisão [...] reconhecer a presença dos meios e sua importância na vida das crianças e exercer crítica sobre eles, numa visão emancipatória” (FONSECA; TOSTA, 2017 p.638).

Na perspectiva da comunicação como eixo de aprendizagem, compreendida como “instrumento por excelência do acesso à escrita” (LEGRAND, 2010 p. 12) e de um sujeito emancipado, o educador introduziu nas atividades escolares a impressora, as fitas magnéticas, o gravador de rolo, o filme e a câmera de vídeo que, ainda que usados, segundo ele, para a distração e alienação dos problemas da sociedade capitalista, são instrumentos fundamentais para aprendizagens das quais hoje atribuímos como interdisciplinares e que, na mesma perspectiva de Freinet, devem ser introduzidos como meios ou fins pedagógicos no intuito de promover a crítica, a reflexão e a produção de sentidos.

Ao refletir sobre essas mídias como meios pedagógicos e na busca de justificar a importância da presença deles na sala de aula, percebe-se que ainda hoje é raro o uso consciente das potencialidades do recurso tecnológico em sala de aula. Se a escola deve preparar o aluno para viver em sociedade por meio da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, é preciso considerar, mais do que nunca o uso das mídias que atualmente mediam as diversas relações sociais e profissionais. Vale as experiências de Freinet:

Em contraposição à escola nova, a escola moderna de Freinet se baseou distintamente no efetivo trabalho livre e cooperado, a partir de técnicas concretas e da relação de ensino e aprendizagem aberta no vilarejo em torno da escola. Mais do que o raio geográfico montanhoso e provinciano da escola, Freinet agiu radicalmente para torná-la uma internacional, por meio da técnica de correios interescolares (KANAMARU, 2014 p. 778).

Freinet queria levar às crianças das classes populares a possibilidade de uma educação emancipadora com os recursos tecnológicos de seu tempo, acreditava que a autonomia e atuação social tinham relação intrínseca com o modo de se comunicar, expressar ideais e que esses deveriam ser construídos por meio da experiência e da troca de saberes. Esse entendimento perpassa o tempo e é latente nos dias de hoje, pois, ainda que as mídias tenham se aperfeiçoado e cada vez mais se popularizado, percebe-se que o uso consciente desse recurso anda na contramão.

Na contramão das influências da cultura de consumo irrefletida da sociedade industrial, a escola tem a função de “[...] ordenar e sistematizar as relações homem-meio para criar as condições ótimas de desenvolvimento das novas gerações [...]. Portanto, o sentido da educação, a sua finalidade, é o próprio homem, quer dizer, a sua promoção” (SAVIANI, 2007 p. 59), com base nos instrumentos básicos de participação social consciente como as mídias são hoje para as relações sociais e culturais.

Para tal, as práticas educativas devem promover a liberdade, a comunicação e delas a transformação social, com vistas a tornar o homem “[...] cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação a fim de poder intervir nela transformando-a no sentido da ampliação da liberdade, comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 2007 p. 61). Por meio da ótica educacional, a mídia deve ser elemento intermediário para a redistribuição do poder social ao proporcionar o diálogo criativo e crítico e a participação dos sujeitos no direito à expressão e à liberdade de cultivar elementos culturais próprios.

Não significa aparelhar a escola de instrumentos tecnológicos e usa-las de maneira deliberada, mas questionar os modelos institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais que ainda hoje refutam a necessidade de repensar a educação frente às mudanças estruturais da sociedade e pensar, sobretudo, nos papéis do professor e aluno dentro da instituição. Isso porque, ensinar por meio dos diversos campos de conhecimentos progressivamente em direção a uma cultura global da sociedade estabelece-se como um dos aspectos mais importantes da escola, ou como afirma Freinet: “[...] a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FONSECA; TOSTA, 2017 p. 642)”.

Em 1940, durante a Segunda Guerra, Freinet é identificado como comunista e preso por nazistas. Passa esse período de enclausuramento, escrevendo seus pensamentos educacionais e políticos e que mais tarde foram popularizados e continuados por sua esposa, Élise Freinet. Em 8 de outubro de 1966, Freinet falece, mas a concepção freinetiana perpetua-se ainda hoje em várias escolas ao redor dos países.

Freinet inovou no uso das tecnologias como recursos pedagógicos de aprendizagem tanto dos alunos quanto dos pais e comunidade. Aprimorou o uso da curiosidade dos alunos, das experiências sensoriais e do compartilhamento das aprendizagens como propulsora do conhecimento. Abriu, para além da escola, campos de experiências e trocas. Valorizou a sensibilização, a criatividade e a arte para a construção da crítica. Usou do trabalho mútuo como propulsora do cooperativismo.

Muitas outras realizações obteve com seu método educativo que são de grande valia ao pensamento educacional contemporâneo. Mas faz-se importante destacar que seu ideal educativo, para além da evidente influência que o pensamento marxista lhe carrega, há a presença do pensamento kantiano, ainda que apenas como ponto de referência, nos conceitos fundantes de sua prática. Como pensara esse autor, nesse mundo, o objeto mais importante da educação é o desenvolvido do ser em homem. A isso, também se atribui a proposta freinetiana de educação.

Considerações finais

Esse ensaio buscou refletir sobre o pensamento educacional freinetiano na contemporaneidade. Freinet, durante toda sua trajetória como militante, combatente da primeira guerra e prisioneiro do exército alemão durante a segunda guerra, construiu sua percepção de mundo visivelmente atrelado à tese marxista.

A começar pela escola cooperativa que integrava os alunos a comunidade e perpetuava os saberes construídos pelos alunos para além da escola, por meio das atividades que vinculavam afetividade e razão, técnicas e comunicação e todas elas à crítica e reflexão rumo à emancipação social. Entretanto, antes mesmo de Marx, Kant teceu conceitos sobre educação, filosofia e direito de tal importância que posteriormente serviu de base para outros filósofos.

E se encontrássemos Kant em Marx? Encontramos! Ora convergentes, especialmente no que tange a compreensão do homem enquanto um sujeito histórico e cultural, que aprende por meio da interação social, cujas suas funções biológicas lhe

permitem alcançar o desenvolvimento para além de si. Ora divergentes, pois o homem em Kant é aquele que realiza tarefas e deveres baseados na moral e na ética oriunda de um Estado regrador. O homem em Marx, por outro lado, deve se libertar das leis e da moral do estado burguês.

A compreensão que se tece é a de que Kant foi fundamental para que Marx e Engels delimitassem o conceito de homem e seu ideal, usando do idealismo para construir o materialismo e a concepção da sociedade fundada nas luzes, para a sociedade permeada pelo liberalismo econômico.

O ideal de Kant é o oposto de Marx. É parâmetro, mas não seu fim. As leis e o Estado normalizador de Kant é o fundamento para o anarquismo em Marx, ainda que ambos usem da liberdade para justificar a ação política do homem. É na diferença que ambos se assemelham. E ainda que, a primeira leitura, seja audacioso encontrar Kant também no pensamento de Freinet, vale lembrar-se de Rousseau e os dispositivos naturais por que trata a ação pedagógica freinetiana.

Como consideração final, a tese marxista é fundante do pensamento freinetiano traduzidas em atividades pedagógicas mistas de trabalhos manuais e na interação social com vistas a um desenvolvimento global. Entretanto, uma análise mais reflexiva, encontra nuances kantianas na prática pedagógica de Freinet, cuja concepção de homem se transforma pela educação em algo muito maior que si mesmo e se perpetua pela cultura que deixa, após a finitude de seu ser.

Referências

CRUZ COSTA, Michele Cristine. A PEDAGOGIA DE CÉLESTIN FREINET E A VIDA COTIDIANA COMO CENTRAL NA PRÁTICA PEDAGÓGICA. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.23, p. 26 –31, set. 2006.

FREINET, Celéstin. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1976.

FREINET, Élise. **O itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia de Freinet**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FONSECA, Cláudia Chaves; TOSTA, Sandra Pereira. **O CAMPO DA COMUNICAÇÃO NO PENSAMENTO EDUCACIONAL DE CÉLESTIN FREINET: UMA ABORDAGEM COMPARADA**. In: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 12, n. esp. 1, p.629-643, 2017

KANAMURU, Antonio Takai. **Autonomia, cooperativismo e autogestão em Freinet:**

fundamentos de uma pedagogia solidária internacional. In: Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 40, n. 3, p. 767-781, jul./set. 2014.

LEGRAND, Louis. Célestin Freinet. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____; _____. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Centauro, 2004.

PINHEIRO, Celso de Moraes. Kant e a Educação: reflexões filosóficas. Caxias do Sul: Educs, 2007.

SANTOS, Leonel Ribeiro. A educação, suas tarefas e seus paradoxos, segundo Kant. In: HARDT, Lúcia Schneider; MOURA, Rosana Silva (Orgs.). **Filosofias da Educação**. Blumenau: EDIFURB, 2016 p. 21-59.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 2007.